

ELE FARÁ DE TUDO
PARA PROVAR SUA
INOCÊNCIA

A LUTA PELA INOCENCIA

UM LIVRO DE:
LUIZ LISBOA &
CAMELE STORCH

Capítulo 1

Como ele havia chegado naquele ponto? Nunca imaginou que teria Rafael na sua frente, implorando por perdão. Maldito, ele deveria ter morrido há muito tempo, mas quem ele era, antes, jamais poderia fazer aquele tipo de coisa. Rafael havia conseguido - finalmente, havia se transformado no merda que ele próprio insistia em dizer que era. Maldito filho da puta.

De que jeito ele havia chegado naquele ponto mesmo? Ah, claro, tudo começou semanas atrás, dentro da pequena loja onde vendia roupas masculinas. Iria ser mais um dia na loja, estava começando a abrir a loja, virou a chave na porta, desligou o sistema de segurança, ligou o sistema no computador, cumprimentou seu colega de trabalho, que chegou alguns minutos depois e foi ao estoque, no andar de cima da pequena casa, transformada em loja. Foi naquele momento que tudo havia começado, quando achou Vanessa, morta, em meio ao estoque.

- Ligue para a polícia! – Luiz imediatamente desceu as pequenas escadas de madeira e alertou o colega, que não conseguiu entender. – Que droga Rodrigo, liga para a polícia! – O rapaz insistiu, vendo que o seu colega não parecia movimentar um músculo; também, quem poderia culpá-lo, Luiz era um rapaz tranquilo, não perdia a calma, então o choque ficou aparente no seu rosto, enquanto mascava a porcaria de um chiclete. – Vanessa...

- Não vai me dizer que está a fim dela? – O homem magro riu e Luiz revirou os olhos, socando o braço do amigo e empurrando-o para longe da recepção. Ligou para 190, não sabia se era o certo a se fazer, mas o que mais deveria fazer quando tinha o corpo de uma garota no andar de cima da loja?

- Polícia militar, qual o problema? – O atendente do outro lado da linha perguntou.

- É... – Luiz não sabia exatamente como falar. – Tem um corpo...

- Poderia falar mais alto, senhor, não estou lhe ouvindo.

- Tem a merda de um corpo no andar de cima! – Esbravejou, furioso.

- Qual o endereço?

- João Cachoeira, 700, rápido!

Rodrigo encarava Luiz com pura descrença e o homem altão ficou ainda mais chocado quando a polícia chegou, subiu no estoque da loja sem dar qualquer explicação e começou a remoção do corpo de Vanessa. Rodrigo ficou pálido e mesmo sem ser um cara religioso, acabou fazendo o sinal da cruz. Alguns policiais logo começaram a fazer perguntas aos dois vendedores. Luiz, que parecia estar um pouco apático com a situação, como se não acreditasse que tudo aquilo havia acontecido e Rodrigo, que tremia, ele não era o tipo acostumado a ver violência. Diferente de Luiz, Rodrigo havia começado a trabalhar por capricho.

Aos poucos, a rua geralmente pacata no começo da manhã logo começou a ficar agitada, com o carro da polícia parado na frente da loja e alguns curiosos começando a cercar o lugar, todos tentando entender o que estava acontecendo. Mesmo sendo uma rua comercial, com lojas de rua, a rua João Cachoeira ficava em um bairro nobre da cidade, não era normal ter assassinato, talvez roubo, mas puro assassinato, sem arrombamento ou qualquer dinheiro levado era estranho.

- A que horas você encontrou o corpo? – O policial perguntou a Luiz.

- Acho que se muito foi há dez minutos. – Respondeu.

- E quando foi a última vez que viu a vítima?

- Talvez quando trocamos turnos? Talvez... Acho que saí tarde ontem à noite... Não sei a hora, ela ficou depois do que eu... – Luiz não sabia como responder às perguntas, ainda tentava entender, compreender como Vanessa, a nova vendedora, havia acabado morta, no chão da loja.

- Vá para a delegacia mais tarde, precisaremos do seu testemunho. – O policial entregou o cartão da 19º DP para Luiz, que quase bufou ao saber que teria de ir à delegacia, não era de seu feitio confiar na polícia, ninguém naquele país realmente acreditava na polícia, mas também não podia ignorar o fato de que uma pessoa boa havia morrido e, se não por ele, deveria se envolver por Vanessa, mesmo sem a ter conhecido muito bem. – Logo vamos terminar e vocês vão poder limpar aqui.

Luiz afastou-se do policial, informou a dona da loja e assim que acalmou Rodrigo e limpou tudo foi para a delegacia. Queria resolver o assunto e voltar para a sua pacata vida, não gostava muito de ação na vida real, preferia nos filmes.

O 19ºDP era um prédio baixo, ficava a apenas alguns quarteirões da loja. O lugar não era muito diferente de qualquer outra delegacia, policiais, delegados, chão branco, luz branca e muitos, mas muitos, papéis espalhados por todos os tipos de armários de arquivo. Sempre tinha pelo menos dois policiais militares na delegacia e policiais civis, aos montes, em suas mesas, tentando fazer o acervo dos processos. O lugar era organizado em comparação com a maioria da delegacia e todo esse rigor se devia ao delegado Rafael, um homem íntegro e de bons princípios que havia transformado o 19ºDP em uma verdadeira delegacia.

- E aí, delegado. – Um dos detetives cumprimentou o homem atarracado que para muitos, às vezes, parecia um gigante, ao vê-lo entrar na sua sala.

- Fala, Fernando, já terminou de processar o caso do marginalzinho? – O delegado abriu um sorriso, parecia estar de bom humor, geralmente ele era mais sério, mas naquele dia, em particular, estava feliz.

- Quase... – Respondeu o detetive, um pouco sem jeito.

- Não foi isso que combinamos, Fernando. – Rafael se aproximou da mesa e sentou-se, ignorando os olhares surpresos dos seus subordinados - ele não tinha a musculatura para conseguir sentar-se em uma mesa e conseguir apoiar seus pés no chão, sem contar que seu tipo físico não o ajudava muito. – Fala, qual o problema, querido?

- Nenhum, prometo que já vou entregar.

- Ótimo. – Rafael deu um pequeno salto da mesa e saiu da sala que era composta, em parte, de uma vidraça de plástico. Logo que saiu deparou-se com um rapaz que entrava na delegacia, parecendo um pouco desconfortável com o ambiente. – Posso ajudar em algo, rapaz?

- Pediram para eu dar meu depoimento... – O rapaz de olhos castanhos e blusa preta disse meio sem jeito, colocando seu cabelo para trás com a mão de uma maneira nervosa. Nunca se imaginou entrar em uma delegacia.

- Deve ser do caso dessa manhã. – Rafael comentou, calmamente. – Qual o seu nome jovem?

- Luiz, senhor.

- Ótimo, prazer em conhecê-lo Luiz, meu nome é Rafael, sou o delegado, por que não vem comigo que eu vou te mostrar onde iremos coletar o seu depoimento.

- Obrigado.

Luiz ficou um pouco mais tranquilo com a educação e a recepção do homem. Pelo menos ele sabia que não tinha por quê ficar tão nervoso em uma delegacia, mas para qualquer pessoa normal era intimidante se ver nessa situação.

Rafael subiu as escadas lisas, até uma pequena sala, dentro dela uma pequena mesa de plástico e um homem esguio e um pouco curvado.

- Fala, Peixeira. – Rafael cumprimentou o homem, que se levantou e ambos se abraçaram, como se fossem velhos amigos. – Esse é o Luiz, testemunha do caso da garota morta...

- Vanessa. – Luiz logo o corrigiu, incomodado com a falta de tato.

- Isso, Vanessa. Vou ver se consigo pegar as evidências com os Militares, você pode pegar o depoimento? – Rafael perguntou, ignorando o tom irritado do jovem vendedor.

- Claro, sem problema chefe.

Rafael fechou a porta e Luiz se sentou em frente do homem curvilíneo.

- Então, qual era a sua relação com a vítima? – O homem perguntou, à queima roupa, tirando o sorriso do rosto e por algum motivo fechando as persianas da sua sala, evitando que qualquer outra pessoa pudesse ver o que estivesse acontecendo naquela sala.

O nervosismo tomou conta de Luiz. Toda a situação, antes nervosa, agora estava completamente tensa.

- Colegas de trabalho.

- Só isso? – Ele se sentou na mesa e encarou Luiz com extrema desconfiança.

Luiz não compreendeu a pergunta e no momento em que Rafael voltou a entrar na sala, agora carregando consigo um pequeno revólver em uma pequena sacola plástica, o rapaz soube que algo estava errado.

- Então, me fale Luiz... – Rafael, que deixara o revólver na mesa do detetive, puxou uma cadeira e se sentou próximo ao rapaz, tocando em seu joelho.

- O que pensa que está fazendo?

- Eu? – Rafael pediu inocência. – Mas e você, o que você estava fazendo, com a arma do crime?

E foi naquele momento, com aquela pergunta supostamente tão inocente que Luiz soube que sua vida já não seria mais a mesma. Tudo começava com Vanessa e tudo continuava com a arma. Definitivamente, teria sido um dia melhor aproveitado na cama.

As perguntas continuaram como um bombardeio, sem dar tempo de Luiz pensar ou até mesmo de saber o que tudo aquilo significava.

- Por que a arma estava no seu armário?

- Como vocês podem ser apenas colegas se testemunhas os viram sair juntos?

- Que horas você saiu da casa?

- Eu não sei de nada! – Luiz finalmente se levantou e gritou irritado para os dois homens na sua frente.

- Olha, Peixeira, ficou nervoso. – Rafael sorriu, junto com seu amigo.

- Pois é, provavelmente é culpado, você é culpado não é, Luiz?

- Confesse! – O homem esguio começou a andar na direção do jovem, que parecia cada vez mais nervoso - quando finalmente conseguiu atingir a porta e tentou girar a redonda maçaneta preta, percebeu que estava trancada.

O delegado continuava sentado na pequena cadeira preta, enquanto via o detetive da sua delegacia sacar o seu revólver para a cabeça de um civil e simplesmente não fazia qualquer coisa para alterar a situação.

A sala, antes abafada, começou a ficar cada vez mais gelada, a cada grito que o detetive dava, mais Luiz sentia suas veias pulsarem em seu corpo. Como ele podia estar em uma situação como aquela? Eles estavam tentando incriminá-lo por um assassinato, não fazia o menor sentido, ou fazia? Rafael acabava de dizer que havia achado a arma em seu armário na loja e os dois ainda falaram que ele havia sido a última pessoa a ver Vanessa viva e a primeira a encontrar o corpo? Eram realmente eles que os estava incriminando ou tinha mais alguém?

A cabeça de Luiz não conseguia se silenciar, perguntas voavam por sua cabeça, tentando entender aquela situação bizarra, mas o mais importante seria entender como sair daquele lugar, antes de ser morto.

Quando tudo pareceu perdido, quando viu o detetive Peixeira começar a soltar a trava de segurança de sua arma, uma batida, uma única batida forte e alta apareceu na porta.

Os dois homens na sala se entrelaçaram por um breve momento e Rafael fez um gesto para Peixeira guardar a arma, o homem imediatamente obedeceu. Essa seria a oportunidade perfeita para sair daquele lugar, mas como faria? Tinha que pensar rápido.

- Coloque as algemas e sente-o. – Rafael sussurrou. – Pode entrar! – Voltou a ter um tom de menos urgência e um pouco mais de calma, não podia transparecer para seus subordinados que estava levemente nervoso, odiava ter que lidar com criminosos que não confessavam seus crimes.

Luiz começou a ser levantado por Peixeira já algemado, quando a porta começou a se abrir quase como se fosse em câmera lenta. Luiz tinha que fazer algo rápido, porque se não fizesse possivelmente ou seria morto ou iria parar na cadeia. Não queria ir para a cadeia. Ele nem ao menos havia começado com seu projeto de filmes e muito menos havia conseguido se inscrever na faculdade.

De pé, Luiz percebeu, Peixeira tinha negligenciado o lugar onde carregava sua arma, estava solta a prensa em seu peito, se ele conseguisse pegá-la ele poderia sair daquele lugar, só precisava achar um refém e no momento em que a porta abriu achou o refém ideal para situação.

O detetive Fernando, que nunca carregava a sua arma consigo dentro da delegacia, entrou, carregando consigo o relatório que havia prometido ao delegado. Uma onda de adrenalina tomou conta de Luiz, era como se seu corpo começasse a agir, sem ao menos ele pensar, era como se o plano tivesse sido travado automaticamente em seu cérebro sem saber se aquilo realmente funcionaria.

Engolindo todo medo e desesperado para que sua vida não acabasse daquela maneira, o rapaz de cabelos castanhos fez o inimaginável, surpreendendo a todos, inclusive Rafael que esperava que o jovem fosse mais submisso.

Luiz jogou seu corpo todo contra o homem que o segurava pelo braço sem muita força e o arremessou contra a parede, mesmo não sendo um cara gordo, Luiz tinha mais massa do que aquele policial esquelético. Assim que o fez sacou a arma do homem.

Rafael levou um choque ao ver a grande arma apontada para o seu rosto e ainda mais surpreso quando o rapaz atirou contra ele, fazendo-o pegar abrigo

debaixo da mesa; Luiz, em outra onda de adrenalina e antes que o detetive Fernando pudesse reagir, enfiou o cano da arma na nuca do homem.

- Dê mais um passo e eu atiro. – Luiz falou, suas mãos tremiam, sua voz era de puro desespero e seus olhos brilhavam unicamente de pânico. Ele não fazia a menor ideia do que estava fazendo, ninguém tinha a menor ideia do que tinha acontecido com ele, para ele agir daquela maneira.

Desespero? Medo? Os dois? Não importava, o que importava é que ele sairia de lá, não iria ir para a cadeia, não teria sua vida destruída por algo que ele não havia feito.

- Guardem suas armas! – Luiz gritou, aparecendo no corredor da delegacia. – Façam um movimento em falso e eu o mato!

Matar? O que ele estava falando, aquele cara não tinha matado ninguém em sua vida. A única coisa em que ele era bom em matar era em jogos de vídeo game, nunca nem havia matado uma mosca na realidade.

- Sabe o que está fazendo apontando uma arma para um policial? – Fernando sussurrou para o homem.

- Cala boca! – Luiz ficou ainda mais nervoso. – Pegue as chaves! – Ele gritou para o refém ao ver as armas em um carro, na entrada da delegacia - ainda estava surpreso que aquele plano estava dando certo, ele estava quase fora. Apesar de estar em uma delegacia, não havia muitos policiais e a maioria, mesmo com as armas empunhadas, não podia fazer nada, corria o risco acertar Fernando pela proximidade de ambos.

- Filho da puta! – Repentinamente, Rafael apareceu, pelas costas de Luiz. – Solte-o, seu marginalzinho! Vou mandar atirar se você não o soltar.

- Vai matar um dos seus? – Luiz virou-se, desesperado, usando Fernando como escudo.

Rafael encarou Fernando que, mesmo com uma arma apontada na sua cabeça, não parecia nervoso, ele sabia o que fazer em uma situação dessas, só precisava esperar o sinal e assim se livraria dele e eles matariam aquele delinquentezinho de merda.

- Agora! – Quando Rafael gritou, Fernando usou o peso de sua cabeça para trás, acertando o nariz de Luiz com força, mas no meio milésimo de segundo em que os tiros iriam começar a voar, Luiz segurou o braço do detetive, fazendo-o ser atingido em seu lugar.

O corpo do homem alto, de cabelos loiros começou a desabar na sua frente. Todo o choque o dominou, mesmo com seu cérebro totalmente paralisado, seu corpo começou a correr automaticamente – agora, não teria mais volta, ele teria que se tornar um fugitivo, dessa vez, para sempre.

O que estava acontecendo com ele? Como isso poderia ter acontecido com ele?

Capítulo 2

O delegado estava fora de si.

- SEUS MERDAS! – Urrou, enquanto os policiais se agitavam, também em choque, depois da chuva de balas disparadas pelo local. Como é que um grupo de detetives treinados não havia conseguido parar um único marginalzinho, que nem ao menos parecia saber como cometer um crime. – Estamos na droga de uma delegacia!

Rafael estava mais do que furioso.

- POSSO SABER POR QUE VOCÊS AINDA ESTÃO AQUI? – Berrou. – Quero todo mundo atrás dele! Vão!

Os policiais imediatamente correram para a rua para procurar o bandido que havia fugido. O dia de Rafael não estava saindo como planejado, não estava a fim de ter a dor de cabeça de ter perdido um bandido. Caminhou até sua sala e, completamente furioso, virou sua mesa com o computador e todos os documentos. Isso não poderia estar acontecendo.

Luiz, por sua vez, estava ainda tentando entender se era sortudo ou azarado, provavelmente azarado, ele deveria ser a única pessoa no mundo que a própria polícia tentava incriminá-lo.

- Dirija mais rápido! – Gritou para o motorista do carro no qual havia 'entrado', se ele pudesse, teria pegado o carro sozinho, mas era impossível dirigir com as algemas.

- Para onde estamos indo? – O homem de cabelos grisalhos perguntou, ele estava apavorado, mesmo assim tentava manter a calma.

O jovem ficou em silêncio, não tinha para onde ir. Com certeza, a polícia iria para a sua casa para procurá-lo, o seu trabalho estava fora de cogitação, então restava apenas um único lugar.

Em pouco tempo, ele fez o motorista dirigir até o centro da cidade onde ele sabia que poderia achar a única pessoa que aceitaria ajudá-lo, por mais bizarra que sua vida estivesse naquele momento. Ele parou em frente a um pequeno apartamento, pegou o paletó do homem, obrigou o seu refém a esconder suas mãos e sua arma.

- Desça. – Luiz falou, não poderia deixar o refém solto, pelo menos não enquanto a polícia estivesse atrás dele, já que o homem havia visto onde eles estavam. O que ele iria fazer com aquele cara? Não fazia a menor a ideia. – Toque o interfone e fala que é o Luiz para a Renata, no apartamento 82.

O homem bem vestido olhava aterrorizado para o rapaz e o obedeceu; não demorou muito para o porteiro abrir passagem para ambos os homens que entraram no prédio e quando subiram no elevador, uma moça baixa de cabelos ruivos, shorts e camiseta, esperava por Luiz, completamente furiosa por ter sido acordada.

- O que você quer Luiz? – Ela perguntou, barrando a passagem.

- Preciso de ajuda, Rê, por favor.

- Tem a ver com o que eu vi no noticiário?

O rapaz se surpreendeu. Ele já estava no noticiário? Bom, não era todo dia que tinha um tiroteio dentro de uma delegacia.

- Quem é seu 'convidado'? – Renata perguntou, sabendo muito bem que um homem de terno e gravata raramente andaria com um rapaz tatuado e de roupas despojadas o suficiente para parecer um cantor de rock em decadência. Luiz estava imundo e com suas roupas rasgadas.

- Rê, por favor, deixe-nos entrar.

A mulher bufou, mas por fim cedeu, sabia que daria muita merda em ajudar um suposto fugitivo e mesmo ele sendo seu ex-namorado, Luiz ainda tinha um lugar especial no seu coração, afinal, era graças a ele que ela havia saído das drogas, então não podia simplesmente deixá-lo à deriva, prestes a se afogar.

- Ei cara, qual o seu nome? – Renata perguntou e ele imediatamente encarou Luiz enquanto Renata tirava o paletó da mão do rapaz. – Que merda, Luiz! – Ela gritou. – Uma arma, está de sacanagem?!

- Não sabia mais o que fazer... Eu tinha que sair de lá...

Merda, ela pensou, a situação era pior do que ela imaginava, se bem que ela já havia imaginado coisa pior.

- Bom, eu sinto muito cara, mas vou ter que te prender no banheiro. – Renata falou ao refém sem muita preocupação, só queria tirá-lo da mira do revólver, não iria deixar Luiz matar ninguém, ainda mais um inocente. Só pioraria as coisas. – Depois conversamos.

Renata fechou o homem no banheiro e encarou o seu ex, que tinha uma arma nas mãos e algemas.

- Deixa a arma Luiz e eu te solto das algemas. Sente-se na cozinha.

Luiz ainda tenso de toda situação demorou alguns minutos para aceitar o conselho de Renata. Por fim, sentou-se na pequena cadeira branca e colocou a arma em cima da mesa de vidro da cozinha e suspirou, suas mãos estavam manchadas de sangue, sua blusa preta poderia esconder, mas ele estava sentindo o sangue do policial morto nela.

Renata pegou na caixa de ferramentas um alicate, sentou-se em frente de Luiz e cortou as correntes das algemas, transformando-as em duas pulseiras. Em seguida, pegou um copo de água e entregou ao rapaz, que o tomou, sedento. Ela não começou a fazer qualquer pergunta, esperou, foi para a pequena área de serviço, onde tinha suas roupas penduradas em um varal quase quebrado e pegou um pano e álcool.

- Deixa eu ver seu nariz. – Ela falou, puxando outra cadeira da cozinha.

- Não está doendo.

Com essa resposta, a garota apertou o nariz dele e Luiz imediatamente cedeu à pressão.

- Ok, ok, você ganhou.

- Qual o seu problema, por que você simplesmente não pode aceitar ajuda de primeira? Ajude a si mesmo um pouco.

Luiz não respondeu, apenas aceitou o pano que Renata colocou contra seu nariz e por fim aceitou um remédio contra a dor.

- Agora me fala, por que a polícia inteira de São Paulo está atrás de você. – Ela se recostou na cadeira. – Você matou aquela garota? – Ela logo riu com aquela pergunta. – Você nem conseguia matar uma barata quando estávamos juntos, não sei porque eu perguntei. A pergunta certa é, por que eles acham que você a matou?

- Eles falaram que arma estava comigo e que eu fui a última pessoa a vê-la. Sem contar que eu achei a merda do corpo.

- Cara que merda, mas você não podia ter achado outro jeito de lidar com a situação? Fazer um tiroteio não é o jeito mais inteligente.

- E você queria que eu fizesse o quê? Aqueles policiais fariam qualquer coisa para extrair uma confissão. Eles definitivamente não queriam fazer hora extra.

Ninguém mais falou uma única palavra, era estranho um ver o outro depois de tanto tempo, ainda mais em uma situação tão bizarra quanto aquela. Nenhum dos dois tinha a menor ideia do que fazer ou se deveriam fazer alguma coisa. Luiz sabia que não deveria envolver Renata, mas também sabia que não tinha ninguém mais a quem recorrer. Já Renata sabia que Luiz jamais voltaria para sua vida se ele não precisasse, ele era uma pessoa rígida, ele tinha que estar em uma situação entre a vida e a morte para voltar, uma situação exatamente como aquela.

- O que vai fazer? – Ela enfim perguntou, levantando-se. – Segundo o noticiário, você é um marginal, assassino...

- Vou fazer a única coisa que eu posso fazer, descobrir o verdadeiro assassino.

- E já pensou em como vai fazer isso? – Renata perguntou, com um grande suspiro.

- Foi mal, Rê, não deveria ter te envolvido nessa merda toda. – Luiz se levantou e pegou a arma em cima da mesa, deixando o pano de lado. – Será que você pode deixar o refém preso por algumas horas e depois soltá-lo?

A mulher o encarou completamente perplexa.

- Aonde vai? – Indagou, segurando seu pulso.

- Já falei, descobrir o verdadeiro culpado.

- Como?

Novamente o silêncio.

- Deixe-me ajudá-lo, você me ajudou no meu momento mais baixo...

- Renata, você vai acabar morrendo. – Luiz falou, preocupado, mesmo sem querer admitir que ainda gostava daquela mulher e que já havia feito de tudo para tentar esquecê-la. Existem pessoas em nossas vidas as quais são impossíveis de se esquecer, e para o rapaz, uma dessas pessoas era Renata. – Deixa, eu me viro, foi uma ideia idiota...

- Vai à merda! – Ela gritou, dando um tapa em seu rosto. – Você é um idiota por achar que pode resolver sozinho as coisas, é sempre assim com você, isso me dá nos nervos! Você não é a merda do super-homem, como vai resolver isso sozinho? São Paulo inteira está atrás de você! Nunca vou conseguir entender você, seu maldito egoísta! – Ela gritava as frustrações de um antigo relacionamento quebrado, todas as lembranças de um passado feliz, entretanto, conturbado, passavam na mente da jovem. – Sabe por que nós terminamos?

- Porque eu sou um maldito egoísta. – Ele respondeu, sem muita reação. Essas haviam sido as mesmas palavras que ela havia utilizado dois anos atrás, quando ela decidiu terminar o namoro; foi uma surpresa na época, não sabia que eles estavam mal no relacionamento - para ele, estava tudo indo bem, finalmente, até o dia do término.

- E por que você é um maldito egoísta? – Luiz ficou sem resposta, não sabia entender, na sua cabeça ela havia sido a egoísta por simplesmente nunca lhe dar uma explicação, por não responder mais suas mensagens, que buscavam entender. – Porque você nunca deixa ninguém chegar perto, mas agora, dessa vez, eu não vou mais me segurar, se você sair por aquela porta, você será morto e se você só fosse meu ex, pode ter certeza que eu não me

importaria de você sair, mas você também é a pessoa que salvou minha vida, então não vou deixar você morrer, mesmo que você seja um maldito egoísta.

Luiz não sabia o que fazer, se saía ou se ficava. Nenhum dos prospectos teria saldo positivo para ele, mas se ele sáísse, pelo menos poderia salvar Renata, entretanto tinha certeza que morreria logo em seguida.

Um barulho interrompeu o silêncio na cozinha, o barulho vinha do banheiro onde o refém havia acabado de cair do banco da privada, ao tentar abrir a pequena janela emperrada do banheiro, para gritar por ajuda.

O homem de meia-idade paralisou, com medo, ao ver Luiz entrar no banheiro; temendo ser morto, o homem logo ficou em silêncio e se encolheu instintivamente contra o chão.

- Qual o seu problema? – Luiz perguntou. – Aqui é o 8º andar...

- Por favor, me desculpa. – O homem implorava por sua vida ao ver a arma na mão do rapaz.

- Ajudaria abaixar a arma. – Renata apareceu. – Olha, cara, eu sei que pareceu tudo muito assustador, mas esse cara aqui... - Ela passou por Luiz, agachando-se na frente do homem e fazendo um gesto com a cabeça. – Não vai te matar, eu prometo, é que ele está em uma situação difícil, se ficar quieto vai ser mais rápido voltar para casa.

Obviamente, o homem não acreditou, mas também não falaria nada, com medo de ser morto.

- Ei cara, eu realmente sinto muito... – Luiz por fim falou ao ver o desespero nos olhos do homem - era o mesmo desespero e confusão que ele tivera quando estava na sala de um dos advogados. – Eu só...

Luiz imediatamente parou de falar quando reparou em um pequeno detalhe no bolso da camisa do homem; imediatamente, aproximou-se dele e viu um pequeno saco plástico com cocaína dentro.

- Você é um viciado? – Luiz perguntou, analisando o saquinho, ele já havia visto aquele emblema do palhaço tristonho junto ao plástico em algum lugar antes. Onde tinha sido? Talvez na época em que namorava Renata, mas não tinha certeza.

O homem não respondeu.

- Se isso ainda está no seu bolso, não faz muito tempo que conseguiu. – Luiz deduziu, nenhum viciado tinha muita força de controle quando tinha drogas nas suas mãos. Ele tinha experiência sobre o assunto. – Como conseguiu?

De novo o silêncio.

- Isso vai acabar com sua vida se continuar cheirando essa droga. – Luiz guardou o pequeno pacote em seu bolso e saiu do banheiro acompanhada de Renata. Ele encarou a mulher, preocupado. – Você está...

- Eu estou bem. – Ela respondeu. – Nunca tive uma única recaída, não é agora que eu finalmente posso te agradecer por salvar minha vida que eu vou recair, então qual o plano?

- Voltar à cena do crime.

Capítulo 3

“Agora, me explica, como é que a polícia conseguiu essa incrível façanha? Acho que é a única polícia do mundo que consegue deixar o marginal sair pela porta da frente, sem qualquer problema e ainda deixar o marginal ameaçar um homem que não tinha nada que ver com a história...” O jornalista sensacionalista da TV falava, enquanto a transmissão de baixa qualidade mostrava a imagem de um jovem correndo para fora da delegacia, enquanto alguns policiais iam atrás, deixando todos ainda mais irritados. ‘Sabe o pior, ninguém sabe para onde ele foi, ele mata brutalmente uma colega de trabalho, um policial e ainda sequestra um cidadão de bem, que poderia ser eu ou você telespectador, e está, agora, solto, deixando toda a população à deriva desse louco, desse psicopata..., mas sabem quem é o maior culpado de tudo isso? A polícia que é extremamente mal preparada, sem pessoas treinadas, sem...”

De repente, o controle da TV tinha ido parar no meio da tela da TV calando o jornalista sensacionalista. Rafael não estava apenas furioso, estava raivoso, estava a ponto de sacar sua arma e ameaçar cada pessoa da cidade para achar o desgraçado que o havia feito de idiota. Devido a tudo isso, Rafael teve de deixar policiais na cena do crime, com a possibilidade do marginalzinho voltar e policiais em todos os possíveis lugares que aquele homem poderia ir, mas até aquele momento ele não tinha obtido qualquer resultado.

Não era normal ele ter conseguido escapar da porcaria de uma delegacia recheada de policiais, Rafael havia sido feito de palhaço, todos estavam achando que ele era o delegado mais incompetente da história.

- Delegado...

- O que acharam? – Rafael perguntou, levantando-se da sua cadeira e o policial imediatamente ficou incomodado com a pergunta. - O que está fazendo aqui se não o pegaram?! – Ele gritou, dessa vez arremessando o seu copo de água contra o policial.

- Não, mas achamos uma possível localização. – O policial fardado falou.

- Vamos.

Sem esperar o policial dizer para onde estavam indo, Rafael pegou o paletó do banco, saiu da delegacia e correu para pegar o carro da polícia. Ele precisava reparar o erro, não que faria muita diferença, naquela altura do campeonato.

- VAI LOGO! – Ele esbravejou para o policial que começou a dirigir com as sirenes ligadas, em direção ao centro da cidade, até chegarem em um pequeno apartamento antigo de grades verdes. – O que é esse prédio? – Rafael perguntou, fechando a porta da viatura.

- A ex-namorada dele vive aí. – Peixeira chegou em outro carro atrás de Rafael.

- Vamos.

Mostrando seus distintivos de polícia, o porteiro, um pouco desconcertado, abriu passagem para os homens entrarem no apartamento e não demorou muito para eles baterem na porta.

O lugar não era grande, uma sala com TV, cozinha, um quarto e um banheiro, nada muito luxuoso e tudo parecia calmo e arrumado, ninguém estava no apartamento naquele momento, mas pelas coisas ainda levemente bagunçadas e roupas ainda nos armários parecia que a dona não demoraria para voltar.

- Deixe dois policiais fazendo vigia. – Rafael exigiu de Peixeira. – Isso daqui já está indo longe demais.

- Senhor. – Um policial chamou Rafael e ambos foram para o banheiro. – Encontramos isso...

Rafael pegou furioso o pequeno saquinho de drogas que o policial havia achado debaixo da pia. Isso se tornaria uma merda tão grande se isso chegasse nas mãos da divisão de tráfico. Aquilo não podia acontecer.

- Mais alguma pista?

- Só isso.

O policial levantou a mão para mostrar um conjunto de roupas caras, o que não combinava com aquele apartamento barato e também não poderiam ser de Luiz, um vendedor simples, de uma loja com roupas de fabricação própria, na João Cachoeira.

- Delegado, tem outra coisa aqui.

Rafael foi até a cozinha aonde ele foi chamado e viu dois copos de água ainda na pia, ainda para serem lavados, provavelmente Luiz estivera naquele lugar e possivelmente pelas roupas no chão o homem que ele havia pegado como refém ainda estava com ele, provavelmente uma garantia para ficar solto.

Aquilo estava ficando cada vez mais ridículo.

Perto da delegacia, as coisas não estavam muito melhores para Luiz. Renata simplesmente queria matá-lo naquele momento e se tivesse a oportunidade iria fazer.

- Você é um idiota. – Ela falou. – Por que você quer entrar na merda daquela loja?

- Acho que eu vi algo que pode nos ajudar.

- E como é que andar entre policiais e a mídia vai nos ajudar?

O refém, que estava com suas mãos amarradas, presenciava a cena sentado no banco de trás do carro, não sabendo o que seria da vida dele, mas pelo menos de uma coisa ele tinha certeza, aquele bandido não parecia querer matá-lo, sem contar que do jeito que ele interagira, nem ao menos parecia um bandido.

- Com licença. – O homem chamou e os dois se viraram, irritados, para o homem que era mais velho do que os dois, mas parecia uma criança que via seus pais brigando. – Só para saber, eu vou ser solto?

- Não vou te matar. – Luiz disse, secamente. – Só estou tentando provar minha inocência.

- E como você vai provar na cadeia?! Principalmente agora, se você tivesse falado com um advogado...

- Agora a culpa é minha...

Pronto os dois voltavam a brigar, um dos motivos do relacionamento ter terminado é que eles só brigavam. Tinham brigado durante todo seu relacionamento, mas Luiz era uma pessoa boa, não iria terminar com Renata enquanto ela estivesse superando as drogas. O relacionamento havia se baseado em um salvar o outro, então o cotidiano ficava difícil para os dois.

- Desculpem, mas... – Ambos se viraram novamente bufando para o homem amarrado. – Se vocês querem entrar na casa, por que não vão por cima. – O homem apontou para a grande janela lateral aberta.

Os dois se entreolharam e ficaram surpresos com a ajuda inesperada, o único problema era como iriam chegar lá em cima, os policiais estavam na

entrada da loja, com a porta de metal fechada, então mesmo que ele conseguisse passar pelos policiais não teria como entrar e com certeza se Luiz fosse usar uma loja vizinha para subir na janela, eles logo o reconheceriam.

- Posso distraí-los. – Sugeriu Renata.

- E como você vai fazer isso?

- Como você acha? – Ela falou amarrando a blusa solta e começando a pegar uma garrafa de água para deixar a blusa transparente.

- Até parece. Não. – Luiz falou tirando a água da mão de Renata.

- E desde quando você manda em mim, Luiz?

- Desde que esse plano só funciona em filme e, dois, nem todos os homens são...

- Luiz você está olhando para o meu peito.

O homem de trás começou a rir da cena bizarra que estava acontecendo na sua frente.

- Por que você não vai para os policiais e fala que viu o seu namorado fugindo pela rua? – O refém sugeriu, deixando os dois novamente surpresos com a ideia.

- Cara, não que eu não aceite suas sugestões, por que uma foi melhor que a outra, mas por que está nos ajudando?

- Primeiro, por que eu estou ficando sem minha droga e eu estou começando a passar mal e, segundo, quero ir para casa.

Luiz não falou nada apenas amarrando a mão do homem mais apertada no banco do carro, colocou a mordaca e o cobriu com um grande cobertor que haviam pegado na casa de Renata, caso precisassem deixar o refém dentro do carro, como acontecia naquele momento. Por fim, depois de tudo ajustado, colocou os óculos escuros e um boné e saiu.

- Fique na esquina, vou falar com os policiais.

- Ok.

Renata soltou os cabelos, fazendo-os ficar bagunçados, em seguida jogou um pouco de água no rosto e começou a correr em direção aos policiais. Renata era uma ótima artista, era quase impossível alguém duvidar dela.

Luiz foi até a farmácia da esquina com o pouco dinheiro que tinha no bolso para fingir que comprava alguma coisa, enquanto sua ex-namorada ia na direção dos policiais.

- Socorro, por favor, me ajudem! – Ela trombou com o policial propositalmente.

- O que foi?

- Meu namorado estava me ameaçando e... – Ela começou a discursar uma história horrenda sobre Luiz tê-la sequestrado e como ele estava indo na direção da estrada de Santos, com seu carro.

Luiz observava a comoção de todos na rua, vendo as viaturas da polícia saírem imediatamente do local. O rapaz saiu e, como um profissional, se incorporou junto da multidão, até finalmente conseguir entrar em uma loja vizinha que ele sabia tinha o mesmo tipo de janela – através dela, conseguiria entrar no depósito da loja onde trabalhava. Caso a polícia não tivesse percebido, ele poderia ver e confirmar se realmente o que vira antes no local estava relacionado às drogas que achou com seu refém. Com isso, estaria um passo mais próximo a caminho de achar a solução para todos os seus problemas. Pelo menos, era isso o que ele esperava, mas ele sabia que não era só porque achava que tinha todas as respostas que tudo estaria imediatamente solucionado.

O rapaz esgueirou-se pelas pessoas até entrar na pequena loja de produtos de beleza, passando rapidamente e despercebido pelas vendedoras que ou estavam ajudando os outros clientes, ou discutiam entre si a comoção que estava ocorrendo do lado de fora. Tudo estava indo perfeitamente bem, até ele chegar na porta para o andar de cima.

- Ei, o que você está fazendo? – Uma vendedora da loja, de longos cabelos cacheados começou a gritar do outro lado da loja, ao perceber que Luiz entrava em zona restrita. – Débora, chame a polícia.

Luiz pensou rápido: entrou e viu o extintor de incêndio do lado da porta e, com força, arrancou-o da parede e quebrou a maçaneta da porta na esperança de atrasar as vendedoras; pelo menos a polícia demoraria para chegar, ninguém estaria interessado em um ladrão, enquanto tinha um louco psicopata à solta: ele. Luiz correu até o segundo andar e viu as grandes prateleiras com caixas de estoque atrás de estoque de produtos de beleza. Passou pelas prateleiras de metal e foi até a janela, a distancia era maior do que ele esperava - o que ele iria fazer? Se ele tentasse pular, cairia e mesmo que essa queda não fosse o suficiente para matá-lo, seria o suficiente para mandá-lo para a cadeia.

Suspirou e em menos de alguns minutos pensou em um plano - as prateleiras eram leves o suficiente para mexê-las, se tirasse os produtos, e compridas o suficiente para passar do outro lado. Luiz de imediato derrubou todos os produtos da prateleira e levou-a até a janela, claro que ele chamaria atenção, mas esperava que Renata tivesse distraído todos o suficiente para ninguém reparar nele a ponto de fazer um escândalo.

A prateleira não ficou estável entre uma janela e outra, parecia mais uma corda bamba prestes a cair. Luiz então pegou os elásticos que seriam vendidos e amarrou os pés da prateleira no puxador dos vidros da janela.

Pareciam horas para tudo ficar pronto, não sabia porque tudo demorava tanto, mas precisava fazer e rápido, não podia deixar as coisas continuarem daquela maneira, senão ele seria preso. Seu coração acelerou quando finalmente ficou de pé na janela e começou a pegar coragem para subir na prateleira. No começo, ele a sentiu bamba, mas não podia desistir, precisava fazer a travessia rápido e no único momento em que sentiu que suas mãos pararam de tremer, correu, pulando de divisória em divisória, como se fossem finos degraus, até finalmente rolar para dentro da sua antiga loja e ouvir a prateleira cair entre as duas lojas.

Merda! O barulho havia sido alto demais para ninguém reparar e haviam reparado.

- Polícia, mãos para o alto.

Capítulo 4

Luiz via a arma do policial apontada para ele, as luzes do armazém acesas, o sangue de Vanessa ainda seco no chão. Ele seria preso e depois de tudo isso, com certeza, iria ter mais algumas coisas adicionadas na sua ficha criminal, antes completamente limpa.

- Mãos para o alto! – O policial militar repetiu para o rapaz, caído no chão, frustrado consigo mesmo.

Ele observou à sua volta, tentando achar alguma coisa para escapar, não via qualquer coisa e quando o policial foi se aproximando, ele reparou, através do pequeno espelho rachado que ficava pendurado na parede do armazém, ao seus pés, um grande frasco de inseticidas - se ele conseguisse alcançá-lo, sem o policial perceber, poderia usá-lo, só precisava distrair o policial.

- Sou inocente. – Luiz falou.

- CALA BOCA MARGINAL! – O policial gritou. – Vagabundo.

- Eu sou cidadão de bem, sempre fui, porque iria agora matar uma colega?

Nunca...

- Já falei cale a boca ou eu atiro! – O policial berrou.

Apenas mais alguns centímetros e ele o teria em sua mão.

- É sério.

- Cala boca, seu merda.

Agora. Luiz imediatamente pegou o inseticida em suas mãos e em um movimento, rápido, antes mesmo que o policial percebesse o que estava acontecendo, levantou sua mão e usou-o no policial que logo soltou a sua arma, gritando com a irritação em seus olhos. Era a segunda arma que roubava de um policial – parecia que eles estavam bem mal treinados.

- Não se mexa. – Luiz colocou a arma na nuca do homem que, imediatamente, ficou parado.

O rapaz pegou uma das gravatas do lugar e amarrou o policial em uma das prateleiras e com outra amordaçou o homem, mas antes de sair ele tinha que confirmar uma coisa em relação à morte da sua colega de trabalho. Onde tinha visto? Ele sabia que tinha visto em algum lugar perto do corpo. As imagens do corpo de Vanessa vinham em sua mente, até finalmente se aproximar da parede, onde ficava o pequeno móvel de madeira antigo e pesado, onde a dona os fazia guardar os produtos de limpeza, foi naquele momento que ele viu, exatamente, o que estava procurando; antes, poderia não ter, mas agora tinha. Ele se agachou e quando tirou o pequeno saquinho por debaixo do baú, soube que a morte de Vanessa tinha algo relacionado às drogas; o saquinho tinha o mesmo palhaço triste da blusa do seu refém e, ainda por cima, tinha cocaína naquela merda.

- Quem vende essa merda por aqui? – Luiz foi até o policial vendado que ainda tinha os olhos semiabertos e a boca cerrada. – Fala onde é o ponto daqui? – Luiz perguntou, tirando por fim a gravata da boca do homem, mas ao invés de ouvir uma resposta o homem cuspiu. Furioso, frustrado e não aguentando mais tudo o que havia passado durante todo aquele dia, deu um soco no rosto do homem. – SABE O QUE TIVE DE PASSAR PARA FAZER O TRABALHO DE VOCÊS! – Urrou, desesperado. – Vou perguntar de novo, onde fica o ponto de drogas dessa merda de lugar?!

Antes que o policial tivesse oportunidade de responder, ele começou a ouvir uma comoção embaixo. Mais polícia estava vindo, ele precisava sair

daquele lugar. Fez a única coisa que podia fazer naquele momento, sem ser pego pela polícia: pulou pela janela, assim que os policiais arrebentaram a porta para entrar. Por sorte, o lixo do dia anterior ainda estava na grande caçamba que eles deixavam a postos, antes de levar o lixo para fora todas as noites. Sem muito rumo e com as costas ainda um pouco doloridas ele começou a correr pela calçada, tentando escapar da polícia.

- Sobe! – Renata apareceu ao seu lado com o carro. – Vamos!

Realmente, aquela garota não conhecia limites, ela dirigia seu carro na contramão apenas para ajudar Luiz a fugir da polícia.

A rua virou um caos, Renata dirigia o carro como uma louca, enquanto três viaturas da polícia, mais duas motos e um helicóptero os perseguiram.

- Que merda! Por que você veio aqui mesmo Luiz? – Renata gritava ao volante, ignorando os gemidos do refém.

- Confirmei uma coisa.

- O que tinha que ser tão importante...

Luiz não tinha tempo, virou-se para trás e tirou a mordança do homem. Ele era um refém mais útil do que imaginou que seria.

- Fala onde você consegue sua droga. – Luiz exigiu e o refém o olhou com estranheza. – FALA LOGO! – Luiz estava tenso, machucado e furioso por estar naquela confusão inteira, queria que aquele dia, aquela madrugada, aquela noite, tudo simplesmente acabasse com ele acordando na porcaria da cama.

- Eu... eu apenas ligo e eles entregam onde eu estiver....

Qual era o problema das pessoas? 'Delivery' de drogas, essa era novidade. Ou talvez não fosse, talvez fosse ele quem fosse antiquado.

- Já ouviu falar disso? – Perguntou à Renata.

- O que? Jura, Luiz? – Renata ficou irritada com a pergunta, não gostava de lembrar-se do tempo em que era usuária.

- Não quero te ofender...

- No meu tempo já tinha isso, mas só para cliente top. Eu não era...

- Foi mal.

O silêncio no carro só foi interrompido por uma virada brusca na contramão, Renata deveria ser a única pessoa na cidade de São Paulo que não tinha qualquer medo de dirigir na contramão, não se importava com pedestres, motos ou carros, buzina e fuga da polícia sem um rumo definido.

- Nós vamos morrer, se continuar assim. – O refém, o qual eles ainda não sabiam o nome, falava, assustado.

- Cala boca. – Renata exigiu. – Aonde vamos?

- Ligue para o seu traficante. – Luiz falou. – Fala que precisa falar com ele...

- Não funciona desse jeito, eu não posso falar com ele assim, eu peço a quantidade e mando o endereço... Ele entrega e sai, nós não falamos uma palavra...

- Onde vocês geralmente se encontram?

O homem não respondeu.

- Onde?

- Em uma casa noturna, na Augusta.

O homem sabia que já estava velho demais para frequentar casas noturnas, mesmo casas que ofereciam um pouco mais do que só dança e bebedeira, mas trabalhar drogado, ir a 'festas' noturnas e dormir pouco era a vida dele.

- Então faça o pedido. – Luiz exigiu. – Bom, já sabemos para onde vamos.
- E como vamos chegar lá? – Renata perguntou, considerando todos os carros de polícia que os perseguiram.

Luiz viu que os dois carros da polícia eram altos e não tinham muita estabilidade nas rodas, disso ele sabia – já as motos, aproximavam-se mais rapidamente por ser mais leves e podiam a qualquer hora atirar. Ele precisava causar um acidente, apenas isso. Ele estava desesperado para não ir para cadeia, mas se ele fizesse o que estava pensando em fazer, não teria mais volta, ele definitivamente iria parar na cadeia e seria mais louco do que qualquer coisa que ele tinha feito até agora. No final, pensou, o que havia para perder, ele já não tinha mais nada mesmo, então o que era uma acusação a mais?

Luiz abriu a janela do carro.

- O que pensa que está fazendo?! – Renata gritou, desesperada, tentando puxar a blusa do seu ex para que ele não caísse para fora do carro, que ia em uma velocidade a mais de 180KM/h. – Está louco?!

Luiz ignorou, apenas sentiu o vento em seu corpo, a noite estava estranhamente gelada. Cedo ou tarde, ele iria fazer o que tinha que fazer, era melhor ir para a cadeia por algo que ele tinha cometido do que por algo que não. Pelo menos, ele sabia o porquê estaria indo e, de quebra, ainda acharia o verdadeiro culpado.

No primeiro momento, ficou assustado, não tinha muita experiência em ficar com a cara para fora em um carro em alta velocidade, mas não ia desistir - acostumou-se com a velocidade e com as pequenas turbulências do carro quando este passava pelos buracos e com as falhas do asfalto, apoiou uma das mãos no parapeito da janela, destravou a arma e atirou. O barulho de estrondo assustou Renata que movimentou o volante bruscamente, fazendo Luiz quase cair pela janela.

O tiro havia sido desajeitado e ele havia errado, deixando os policiais ainda mais nervosos e rebatendo os tiros, estilhaçando o vidro traseiro do carro, fazendo Renata gritar e o refém se encolher entre o banco de passageiro e o banco traseiro. Luiz não podia mais errar, era bom de mira, mas a força que a arma fazia quando ricocheteava o tiro era mais forte do que ele pensava. Não era tão simples atirar como os filmes americanos faziam parecer que era. Mas agora, com a polícia atirando, não tinha como ele errar, deixou simplesmente a adrenalina tomar conta e, sem pensar ou raciocinar muito, começou a disparar na direção da moto do seu lado.

Tiros viam em sua direção, mas assim como para ele era difícil acertar naquela velocidade, para a polícia não era muito diferente, ele só precisava de um pouco de sorte e foi quando um tiro, um único tiro, mudou tudo. A moto da polícia finalmente perdeu o controle, capotando no meio da rua, fazendo as duas viaturas desviarem da moto e acabarem com seus carros presos a um poste e um muro. Renata acelerou ainda mais aproveitando a oportunidade, mesmo com suas mãos trêmulas, não sabia que Luiz poderia agir daquela maneira.

- Desliga os faróis. – Luiz falou, girando a alavanca do carro, completamente irritado, suas mãos tremiam, ele definitivamente teria matado alguém com aquilo, já não importava, sua vida tinha acabado mesmo, que diferença faria ter acontecido mais isso?

O helicóptero da polícia ainda tentava acompanhar a situação, mas com o carro de cor preta e sem os faróis, estava ficando cada vez mais difícil de

localizá-lo, principalmente quando Luiz fazia Renata entrar nas ruazinhas mais escuras da cidade.

- Agora... - Luiz virou-se para o refém novamente e pegou o celular de Renata, que estava no porta-copos do carro. – Ligue para o seu traficante.

Luiz apontou a arma na testa do homem, assustando a ruiva ao seu lado. Ela não conseguia compreender o que estava passando na cabeça dele, ameaçando uma pessoa daquela maneira, atirando na polícia. Nunca, nem em seus piores pesadelos imaginaria que Luiz agiria daquela maneira, ele não era assim. Quando ela estava drogada, ele nunca perdeu a paciência com ela, a ajudou até o final, até mesmo quando ela o havia machucado e muito.

- O que você está fazendo? – Renata perguntou.

- Você fica na direção, eu cuido disso. – Luiz tinha a voz rouca e cansada, parecendo ainda mais frustrado e até perigoso do que realmente era. – Vamos, não tenho a noite toda.

Assustado, o homem pegou o celular e discou o número que poucas pessoas conheciam, não fez qualquer pergunta, apenas obedeceu.

O celular chamava, uma, duas, três vezes e Luiz não estava com paciência para esperar - toda a paciência que tinha havia se esgotado nas últimas horas. Ser acusado de um crime, ser perseguido pela polícia e ainda alguém cuspir em você acabavam com o dia de qualquer um, isso era um fato.

- Vai logo! – Luiz gritou.

- Luiz! – Renata gritou de volta.

- Cala boca! – O rapaz gritou, furioso. – Eu vou atirar em vo...

- Oi cara, sou eu. – O refém falou e Luiz sussurrou para ele, ‘viva voz’.

- Hey se não é Thithi, o que você quer parça?

- O de sempre.

- Pode deixar que eu já te mando.

O celular desligou. Agora Luiz só precisava enfrentar os traficantes. Definitivamente deveria ter ficado na cama naquele dia.

Capítulo 5

Por algum milagre, o trio conseguiu entrar na casa noturna, com a ajuda do refém que parecia conhecer muito bem as pessoas de dentro. Luiz estava preocupado, principalmente porque não sabia se o refém estava sendo procurado por alguém ou se ele estava sendo procurado pela polícia, cada minuto que passava tudo ficava ainda mais assustador.

Os três entraram e foram conduzidos por um dos promotores da boate até o fundo da casa, onde parecia ficar um tipo de área VIP. A música era alta e o público, em sua maioria masculino, já parecia bêbado e sonolento, fazendo Luiz se perder na multidão. Chegando na área VIP, o homem sentou-se no grande sofá vermelho, um pouco sem jeito.

- Desejam alguma coisa?

- Nada, saía. – Luiz empurrou o empregado da boate para fora e fechou a porta antirruído onde estava a área VIP. – Renata é melhor você ir embora.

- O quê? – A mulher perguntou, em choque.

- Você já está com problemas demais por minha causa, é melhor você sair enquanto pode.

- Até parece, você vem para me pedir ajuda e agora quer que eu saia, depois de transformar minha vida novamente de pernas para o ar.

- Ainda dá tempo...

- Claro que dá. - Ela falou, ironicamente. – Dá, depois de eu te ajudar a fugir, levar tiro da polícia, sim dá tempo para tudo. Faça-me o favor....

Os dois começaram a discutir, eles sempre acabavam discutindo, sobre como um era melhor sem o outro, na época em que Renata estava nas drogas tinham tido a mesma conversa, entretanto, na época, havia sido Renata que pedira para ser deixada de lado.

- Senhor, o seu amigo... – O empregado do lugar entrou novamente na sala privada, mas dessa vez estava junto com um homem baixo, magro e bem arrumado, com uma jaqueta preta e calça jeans.

- Obrigado.

- Hey Fabiano, o que anda fazendo? – O homem que havia acabado de entrar falou como se não houvesse nenhuma preocupação, mas ele não estava gostando de ver Luiz e Renata naquele lugar, não era o normal e ele não gostava quando as coisas fugiam do padrão.

O refém não respondeu, Luiz imediatamente se colocou na frente da única saída do quarto e sacou sua arma, apontando para o homem magro que o encarou com surpresa.

- Você sabe o que está fazendo? – O traficante perguntou. – Continue a apontar essa merda para mim e você vai morrer.

- Eu já estou morto. – Luiz respondeu, colocando o cano da arma no centro da testa do homem. – Basta saber se você está morto também.

O lugar imediatamente ficou tenso. O traficante se coçando para pegar sua arma na sua cintura e atirar em Luiz por tê-lo ameaçado e, em seguida, em Fabiano, por ter preparado aquela armadilha para ele.

- Quem é o chefe? – Luiz perguntou. Em resposta, o homem riu.

Luiz, sem paciência, soltou a trava de segurança da arma e atirou na perna do homem, fazendo-o urrar de dor. Renata gritou e o refém se escondeu atrás da cadeira, apavorado - não imaginava que havia, dentro do seu

sequestrador, a capacidade de atirar em alguém. Antes daquela noite, Luiz não sabia que tinha essa ira dentro de si.

- Seu filho de uma... – Antes do homem continuar a falar, novamente Luiz atirou, não tinha tempo nem vontade de escutar qualquer reclamação.

- Luiz o que...

- Se quiser, pode sair. – O rapaz estava frio, tudo que tinha acontecido naquele dia o havia mudado, sabia disso, só não sabia como podia ter mudado tão rápido, ou ele sempre teve isso dentro de si? Essa raiva, esse ressentimento? Talvez ele não soubesse responder, só sabia que não iria para a cadeia por algo que não fez e com certeza não deixaria a morte de Vanessa ser esquecida apenas como mais um homicídio.

Renata afastou-se, assustada, sem saber o que fazer, seu corpo tremia.

- Muito bem, vamos para o que interessa, quem matou Vanessa? – Ele exigiu saber. – Não tenho a noite toda e não me importo de matá-lo para conseguir a informação...

- Acha que....

Isso já estava ficando cansativo, passou pelo homem se desdobrando de dor no chão, sem se importar, pegou o pequeno cinzeiro na mesa de canto e sem qualquer hesitação espatifou o objeto no rosto do marginal, fazendo sua cabeça desabar no chão.

- Olha, daqui a pouco, se a polícia for minimamente competente, ela vai chegar e eu vou ter que te matar, agora você pode ficar vivo, apenas me diga o que você sabe sobre o caso da Vanessa.

- Eu não...

Antes que o homem completasse a frase, Luiz segurou a mão dele e atirou a milímetros de distância, explodindo a mão do homem, fazendo-o urrar de dor.

- Fala, isso já é prova suficiente que você sabe. – Luiz falou, pegando do bolso do homem pequenos saquinhos de cocaína com o papel de palhaço triste e jogando no rosto do homem. – Vamos, essa foi apenas uma mão, agora eu posso ir para a outra...

Luiz segurou a mão esquerda do homem. Os olhos do marginal estavam cheios de lágrimas, Renata tremia de medo, não reconhecendo o homem na sua frente, enquanto o refém só tremia, encolhendo-se contra a parede, como um animal desesperado.

- Tudo bem! – O homem finalmente cedeu quando viu Luiz desengatilhar a arma. – A garota morreu porque me viu em um encontro...

- Você a matou?! – Luiz segurou o homem com ainda mais força e colocando a arma contra a cabeça do homem.

- Mais ou menos...

Por essa resposta ninguém esperava.

- O que quer dizer?

- Eu fui atrás dela, eu a encurralei, mas eu não precisava matá-la, quem precisava matar ela era...

- Quem?!

- Rafael, o delegado da polícia, ele e todo aquele lugar está envolvido.

Aos poucos, a confusão da noite começou a se dissipar, o porquê da ansiedade de quererem condenar alguém pelo crime, a certeza absoluta de toda a delegacia achar que tinha sido ele o culpado.

- Envolvido no que exatamente?

Antes do homem conseguir terminar de falar, gritos vieram do outro lado da porta e Luiz logo entendeu, a polícia havia chegado. Provavelmente, alguém o havia reconhecido e chamado a polícia, realmente aquele dia não estava para brincadeiras.

Percebendo que eles o procuravam, Luiz precisava sair daquele lugar.

- Renata, fala para eles que eu obriguei vocês a fazer tudo. – Luiz falou percebendo que ela estava tremendo.

- Luiz eu...

- Adeus. – Ele se aproximou da garota e deu um beijo em sua testa. – Desculpa.

Luiz subiu no sofá e pulou pela janela no mesmo momento em que os policiais irromperam a porta da boate. Agora, a única coisa que restava fazer era se vingar da pessoa que realmente havia transformado a sua vida em um inferno.

- Cadê ele?! – Repentinamente, Luiz ouviu a voz de Rafael atravessar a pequena janela e ele percebeu o homem baixo entrar no pequeno quarto privado, puxando os cabelos de Renata e a arremessando no chão. – Se você não me falar....

Então ele o queria de qualquer maneira. Então ele o teria. Luiz não estava gostando do jeito que ele tentava pegar informação da Renata. O rapaz catou uma pequena pedra e arremessou contra o homem, pela janela, que ficou surpreso ao ver Luiz, totalmente sujo, roupas levemente rasgadas e puro ódio em seus olhos. Definitivamente, esse não era mais o rapaz que ele havia capturado no meio de tarde.

- Peguem-no.

Sem pensar duas vezes, Luiz atirou no policial que vinha em sua direção. Caiu. Luiz não soube se o matou ou não, apenas sabia que o policial não se mexia mais. Suas mãos tremiam.

- Seu merda! – Rafael gritou, furioso, enquanto Luiz começou a sair pela janela, seguido por dois policiais. Luiz trocou de arma e quando os policiais começaram a atirar contra ele, o rapaz fez a única coisa que poderia fazer naquele momento: buscar abrigo atrás de um carro estacionado, evitando a chuva de balas que vinha em sua direção. Luiz precisava sair daquele lugar, precisava pegar Rafael e sair daquele lugar. E precisava finalmente parar de tremer. Precisava se recuperar do choque de atirar em um policial de maneira tão fria.

Tiros encobriam a noite, pessoas correndo e se agachando cobriam as ruas da cidade, os policiais naquela noite não estavam para proteger as pessoas, estavam para prender Luiz e Luiz precisava sair daquele lugar, mesmo recheado de raiva e ódio pelo que tinha acontecido com ele. Não queria deixar Renata e outras pessoas que não tinham nada a ver com aquela história em perigo, vidas inocentes não mudariam nada. Mas ele tinha que resolver o que estava incompleto na sua vida, ele precisava saber o porquê.

Rafael finalmente saiu da janela, com sua grande barriga quase entalando nela. Luiz precisava pegar Rafael, assim tudo aquilo acabaria, para ele pelo menos, ele precisava acabar com aquilo, estava cansado.

Precisava achar uma oportunidade e terminar com tudo aquilo.

- Ei, seu merdinha! – Rafael gritou e quando estalou os dedos, um dos policiais apareceu segurando Renata, com uma arma apontada na sua cabeça. – Se você se importa com essa garota, você vai se render agora.

Aquele cara era um delegado? Aquilo era piada, porque por mais que ele não gostasse da polícia, a polícia tinha um único objetivo, proteger as pessoas; policiais que colocavam pessoas inocentes em perigo, não eram policiais.

Luiz saiu escondido de trás do carro, com as mãos para cima e a arma em suas mãos, igualmente para cima, não queria que Renata se machucasse por sua causa, ele jamais deveria tê-la envolvido em toda aquela merda, mas ela era a única pessoa em que ele poderia confiar, mesmo assim, tinha sido errado.

- Muito bem, vamos seu merdinha....

Tinha acabado, ele não podia mais lutar contra tudo aquilo, ele merecia aquele destino, principalmente depois de tudo o que ele havia feito apenas para escapar, a única coisa que ele se arrependia era que ele não acharia o verdadeiro assassino de Vanessa. Ela não merecia ter sido morta de maneira tão cruel como aquela e não havia sido a única a ser eliminada. Não adiantava mais culpar Vanessa pelo que tinha feito, ele tinha feito tudo por ele, por ser covarde e não conseguir enfrentar os fatos.

- Isso mesmo, acabou...

No mesmo momento em que a voz de Rafael sumiu nos ouvidos de Luiz, um tiro, um único tiro ecoou pela noite, foi o tiro mais alto durante toda a noite. Não por ser diferente dos demais, nem mesmo por ele estar mais próximo da arma e sim pelo fato de ser o tiro que simplesmente tirou a vida da Renata. O corpo da ruiva baixinha começou a desabar no chão - ignorando todas as armas apontadas para si e até mesmo os gritos dos policiais, Luiz correu para ela. Tudo ficou em silêncio, câmera lenta e em puro caos. O caos estava para acabar e agora estava voltando. Não, isso não podia estar acontecendo. Tudo estava perdido, o que ele estava pensando em querer se livrar da polícia do jeito que ele tinha feito, no começo do dia? Ele realmente não tinha o direito de continuar com aquilo.

- Viu o que você fez? – A voz de Rafael soou como zombaria nos ouvidos de Luiz, isso foi o suficiente para seu conformismo sobre a situação evaporar.

O rapaz pegou a arma que tinha deixado de lado, enquanto tentava fazer Renata acordar e sem pensar, exatamente como havia feito quando começou com toda aquela bagunça, levantou-se e antes que Rafael pudesse fazer um único movimento Luiz segurou seu pulso e colocou o gatilho da arma que usava na mandíbula do homem.

- Fale para os seus policiais abaixarem a arma se você não quiser morrer.

- Peixeira, não! – Rafael gritou, ao ver o seu colega apontar a arma para Luiz. – O que vai fazer, você já está morto.

- Você tem razão... – Luiz sussurrou, dando uma gravata em Rafael e começando a usá-lo como escudo, as brigas com seu irmão quando pequeno realmente ajudaram naquele momento. – Mas você vem comigo.

Luiz quebrou com a mão a janela de um carro, pegou as algemas na cintura do homem gordo, prendeu-o no carro e imediatamente se sentou no lado do motorista e em menos de dois minutos fez ligação direta no carro. Renata ainda o ajudava mesmo depois de morta, sabia fazer ligação direta graças a ela. Saiu a toda velocidade pela estreita rua que era a Augusta, deixando todos os policiais, pessoas e a cidade, em silêncio. Não sabendo o que tinha acontecido ou como aquilo era possível. Uma única pessoa conseguir lutar contra tantos polícias daquela maneira, não era normal. O desespero fazia você fazer coisas desesperadas, mas esse desespero, o medo e o ódio, tudo acabaria, estava na

hora de tudo acabar – a situação saíra do controle já fazia bastante tempo e isso precisava ter um fim.

Capítulo 6

- O que pensa que está fazendo?! – A voz de Rafael saiu fina e aguda, ele estava entrando em pânico dava, para ver nos olhos, Luiz não ligou, ignorou, já não se importava mais com sua vida, já estava cansado. Toda essa violência, durante horas, podia fazer o quê com uma pessoa?

Luiz amarrou Rafael na cadeira preta, no único lugar que ele sabia que ninguém o acharia, afinal quem iria imaginar que o marginal iria voltar para onde tudo havia começado, na delegacia - agora estava completamente vazia. E se tivesse alguém, ninguém iria deduzir que eles estavam escondidos no fundo da cela que ficava dentro do local, um lugar pequeno, com o qual, cedo ou tarde, ele teria que se acostumar.

- O que está fazendo, seu merda?! – Rafael continuou a gritar, enquanto Luiz tomava o seu tempo para entrar na cela, colocando dentro da cela, um pequeno notebook, da própria delegacia, conectado com o celular do próprio Rafael, apontando a câmera para o delegado. Todos iriam saber a verdade quando aquilo acabasse. Ignorou os gritos de protesto de Rafael, ligou a câmera do celular depois de carregar um balde cheio de água e pano também para dentro da cela. Não sabia se aquilo funcionava, mas havia visto em filmes de ação, talvez aquilo fosse útil, sem contar que pelo menos seria um bom show para as pessoas que ainda tinham o mínimo de confiança na polícia daquele lugar.

- Por que colocou a culpa em mim? – Luiz perguntou agachando-se na frente de Rafael.

- Porque você é o culpa... – Antes mesmo dele terminar Luiz socou o rosto redondo dele, com toda força que conseguia, ele não iria sair daquele lugar até conseguir a verdade, precisava da verdade. – Pode me bater... – Novamente, apenas para tirar o sorriso irônico de Rafael do rosto e para ele parar de falar tanta bobagem, Luiz o socou novamente.

- Vamos de novo, por que matar Vanessa, por que colocar a culpa em mim?

A resposta não veio, o que veio foi um cuspe em sua direção. Luiz ficou furioso, mas não demonstrou, apenas se levantou, pegou o pequeno balde de água cheio de água, colocou-o ao lado de Rafael e antes do homem baixo falar qualquer coisa, Luiz amarrou o pano com força no rosto do homem e começou a derrubar a água nele, para saber se isso também funcionava na vida real, e não era que funcionava, o homem começava a se sufocar e a engasgar com a água caindo sobre ele. Sem desperdiçando toda a água, Luiz tirou o pano, agora molhado, e o jogou no chão.

Rafael tossiu algumas vezes e começou a procurar por ar.

- Seu filho de uma...

Antes dele terminar de falar, Luiz atirou com a própria arma de Rafael na coxa do gordo homem que urrou com a dor.

- Seu...

- Não quero saber de outra coisa que vai sair da sua boca além do porquê.

- Vá à merda.

Realmente, homens que não tinham nenhum escrúpulo demoravam para quebrar, não era apenas coisa de filme. Rafael estava molhado e ainda agonizava de dor, mesmo assim, ele se recusava a falar uma única palavra.

Rafael encarou Luiz, ele não estava mais com raiva de Luiz por ter fugido, estava com ódio, quando ele saísse daquela cadeira mataria aquele garoto.

Luiz virou-se para o computador e observou os comentários, alguns chamando-o de monstro por fazer tal coisa com outro ser humano, alguns pedindo para parar e até uns mais ousados dando dicas de tortura para Luiz.

- Muito bem, - Luiz se virou. – Vou seguir o conselho de um bom cidadão.

- O que vai...

Luiz saiu da cela e com toda a calma do mundo pegou uma grande tesoura que tinha na mesa de um dos supostos detetives daquele lugar e voltou, a verdade é que ele não poderia demorar muito para pegar a confissão, porque mesmo que os policiais não fossem dos melhores naquela delegacia, cedo ou tarde descobririam o que ele estava fazendo e onde estava.

- A cada palavra que você falar e não me disser o que eu quero saber, vai levar um furo.

- Como...

Luiz nunca o deixava terminar e mesmo que por dentro ele estivesse até frustrado consigo mesmo de fazer tal coisa, ele não podia mais parar, já havia ido longe demais para voltar, senão até a morte de Renata teria sido em vão, isso ele não aceitaria.

Luiz começou a tortura. Os gritos ficavam abafados, enquanto Luiz continuava.

- Vai me falar a verdade? – Luiz perguntou.

- Merda... – Foi o que o delegado falou e não precisou de muito para Luiz continuar com o processo. Gritos voltaram a ecoar pela cela.

- Vai se foder....

Naquele momento, quando Luiz começou a se preparar para algo mais radical, Rafael se encolheu, já não aguentava mais. Não queria ficar furado.

- Tudo bem, seu merda, eu falo...

Luiz parou de fazer o que estava fazendo e se apoiou na parede, esperando o homem gordo e baixo começar a falar.

- Tudo começou quando aquela vadia nos viu. – Rafael murmurava, ele estava cansado e dolorido com tudo o que estava acontecendo. – Aquela idiota resolveu... – Ele lutava para conseguir ar, a dor o impedia de falar de uma maneira clara. - ...passar pela nossa delegacia de madrugada... e viu algo que não devia, então.... resolvemos apenas fazer uma queima de arquivo.... e para isso precisávamos que alguém levasse a culpa pela morte dela, não podíamos deixar o caso dela sem solução, a mídia seria uma droga sobre isso. Um bairro nobre... Com um assassino à solta... ninguém quer isso...

- O que ela viu? – Luiz perguntou, sem ao menos demonstrar qualquer comoção, mas por dentro ele estava prestes a explodir.

Rafael ficou em silêncio. Luiz já tinha perdido toda a pouca paciência que um dia já tivera. Sacou a arma e deu dois tiros, um no ombro a queima roupa e outro na batata da perna do homem, que novamente urrou de dor.

- Fala logo ou vou te encher de buracos. – Luiz falou.

- Ela nos viu negociando com traficantes! – Ele urrou por fim, se contorcendo na cadeira. – Acha que todo mundo pode fazer o que quer nessa merda de cidade?!

- Como?

- Nós temos um acordo com o pessoal, nós damos as drogas apreendidas para eles, eles nos dão coordenadas para fazer algumas apreensões pequenas,

assim a droga nunca sai de circulação e damos a impressão que a cidade está mais segura.

Luiz deu um sorriso irônico consigo mesmo. Eles realmente tinham um esquema naquele lugar e nem ao menos era ruim.

- Qualquer droga que apreendemos volta para o mercado, evitando o prejuízo.

- Prejuízo?! – Luiz gritou, furioso. – Vanessa foi o quê? E Renata?

- Efeito colateral. Não podíamos deixar que uma garota nos desse prejuízo. E a sua namorada está morta por sua causa.

Luiz ficou raivoso, ele quase pulou para cima de Rafael, arrebatando a cadeira onde o homem estava sentado e começou a socá-lo.

- Acha engraçado?! – Luiz dava um soco atrás do outro no homem atarracado. – Tudo para que você não perdesse alguns reais?! Seu filho de uma puta!

Rafael já nem ao menos se importava com a dor, gostava de ver Luiz tão furioso daquela maneira. Ele ria a cada soco que dava, não por não sentir dor, apenas para provocar o rapaz que havia perdido sua vida para as drogas da maneira mais trágica que alguém poderia imaginar.

- Você vai morrer. – Rafael soltou, no meio da briga, enquanto Luiz finalmente se levantava, coberto pelo sangue do seu inimigo. – Me arrependo de ter decidido que você levaria a culpa, poderia ter escolhido o outro, mas você... você parecia o mais idiota... Me enganei...

Tinha sido assim que ele havia chegado naquele ponto, com sangue em suas mãos, arrependimento em seu coração e desespero em seus olhos. Não fazia mais diferença, provar sua inocência? Para quê? Ele havia se transformado em alguém que nem ele mesmo reconhecia. De uma forma ou de outra, acabaria na cadeia e não tinha qualquer outra pessoa para culpar além de si mesmo. E Renata estava morta por sua culpa, havia salvado sua vida das drogas apenas para executá-la dois anos depois.

- Luiz, a delegacia está cercada! – Repentinamente, o rapaz ouviu uma voz no alto falante e sorriu consigo mesmo, estava finalmente na hora de se entregar. – Saia.

- Pode ter certeza que eu vou te matar... – Rafael ameaçou quando Luiz preparava-se para se entregar.

- Aí que você está enganado. – Luiz virou-se com calma para o homem caído no chão, na poça do próprio sangue. – Eu já estou morto.... Assim como você.

Luiz sacou a arma, uma última vez, deu alguns passos na direção oposta de Rafael e finalmente voltou-se e atirou três vezes no homem. Uma por Vanessa, outra por Renata e uma por si mesmo. Aquele homem já não merecia mais viver e talvez ele não tinha o direito de tirar a vida de ninguém, mas o que fazer quando, em uma cidade, até os policiais tem mais interesse no dinheiro do que na vida de uma pessoa. O dinheiro não deveria ser o mais importante na vida de um policial, principalmente na de um delegado.

Luiz jogou a arma no chão e começou a sair pela porta da frente onde mídia e policia estava todos com os olhos nele. O rapaz não se importou, ignorou o fato dos policiais o prenderem, quase o arremessando contra o capô do carro, pressionando a cabeça dele com força. Tudo já não fazia diferença, mas pelo menos agora tinha uma pequena esperança, agora todos sabiam a

verdade e mesmo que não acreditassem, sempre se questionariam se a versão da polícia seria a verdade absoluta. Agora, ele podia ser livre.